



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI-POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS-CCHE
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS COM HABILITAÇÃO EM
PORTUGUÊS**

LILIANE DE SOUZA ALMEIDA

**SIGNIFICAÇÃO E CONTEXTO: RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA E CULTURA NOS
PONTOS DE RENDA RENASCENÇA**

Monteiro

2020

LILIANE DE SOUZA ALMEIDA

**SIGNIFICAÇÃO E CONTEXTO: RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA E CULTURA NOS
PONTOS DE RENDA RENASCENÇA**

Artigo apresentado à banca examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Língua portuguesa, pelo Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba.

Orientadora: Prof^a. Dra. DANIELLY VIEIRA INÔ

Monteiro

2020

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A447s Almeida, Liliâne de Souza.
Significação e contexto [manuscrito] : relações entre língua e cultura nos pontos de renda Renasença / Liliâne de Souza Almeida. - 2020.
37 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas , 2020.
"Orientação : Profa. Dra. Danielly Vieira Inô , Coordenação do Curso de Letras - CCHE."
1. Semântica contextual. 2. Rendeiras de Renasença. 3. Motivação cultural . 4. Renda Renasença. I. Título
21. ed. CDD 401.43

LILIANE DE SOUZA ALMEIDA

**SIGNIFICAÇÃO E CONTEXTO: RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA E
CULTURA NOS PONTOS DE RENDA RENASCENÇA**

Artigo apresentado à banca examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Língua portuguesa, pelo Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovada em: 04 /11/2020.

BANCA EXAMINADORA



Profª. Dra. Danielly Vieira Inô (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Especialista Lidiane Quirino Ramalho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Organização do esquema proposto pela Semântica de contextos e cenários.....	19
Imagem 2: Mapa do estado da Paraíba.....	22
Imagem 3 - Risco de Pano de Bandeja.....	24
Imagem 4: Pontos de Renascença	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS SEMÂNTICOS E À SEMÂNTICA DE CONTEXTOS E CENÁRIOS.....	14
3 A RENDA RENASCENÇA: ORIGEM E PROPAGAÇÃO	20
3.1 A RENDA RENASCENÇA NA PARAÍBA.....	21
4 A APRECIÇÃO DOS DADOS: A ARTE DE TECER E SUA RELAÇÃO COM O MUNDO	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

SIGNIFICAÇÃO E CONTEXTO: RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA E CULTURA NOS PONTOS DE RENDA RENASCENÇA

LILIANE DE SOUZA ALMEIDA

RESUMO

A Semântica, de acordo com Ferrarezi (2010), a partir da década de 80, ganha bastante notoriedade como campo de estudo. Há apenas algumas décadas que os estudiosos da língua têm despertado para a importância do atrelamento de tais estudos aos aspectos culturais. É nessa construção linguística e sociocultural que pode ser situada a Semântica Contextual, uma vez que tal área analisa os sentidos decorrentes de situações comunicativas específicas, interessando a esse campo de estudos, entender como, culturalmente, o falante vê a referência que faz do mundo à sua volta. É nessa conjuntura que se insere a presente abordagem das escolhas lexicais de um grupo de mulheres rendeiras, especificamente na cidade de Monteiro-PB, que, ao desenvolver uma forma de artesanato intitulada de renda Renascença, permitem refletir, nesse processo de nomeação dos pontos, sobre um possível atrelamento ao contexto sociocultural em que vivem. Para tanto, esta pesquisa teve como objetivo, observar de que forma essas rendeiras se apropriam desse vocabulário utilizado para nomear os pontos e se conseguem estabelecer conexões entre esse vocabulário e o seu próprio cotidiano. A partir desse estudo, constatou-se a relação entre o contexto das rendeiras e a nomenclatura dos pontos, evidenciado através de nomes que permeiam o seu cotidiano, não havendo, entretanto, uma relação direta por parte das rendeiras a tais aspectos. Ademais, a nomeação desses pontos revela, assim como apontam os estudos da Semântica de cenários e contextos, que sua significação só pode ser compreendida a partir do contexto em que se encontram as rendeiras, pois, de acordo com Ferrarezi (2010), só o cenário em que a palavra em si está inserida pode propiciar essa especialização do sentido, colaborando para a compreensão de sua significação.

Palavras-chave: Semântica contextual. Rendeiras de Renascença. Motivação cultural

ABSTRACT

The Semantics, according to Ferrarezi (2010), since the 80s wins a lot of notoriety as a field of study. There are just some decades, which the scholars have waked up to the importance of hitching such studies to the cultural aspects. It is in this linguistics and sociocultural construction that may be situated the Contextual Semantics, once such area analyzes the senses arising from specific communicative situations, interesting to this field of study, to understand how, culturally, the speaker sees the reference he makes of the world around him. It is in this conjuncture that introduces the present approach of the lexical choices from a speakers group, lace women, specifically in the city of Monteiro-PB, which, when developing a handicraft form named of Renaissance Lace, allowing to reflect, in the process of naming points, about a possible hitching to the sociocultural context where they live.

Therefore, this search had as objective, to observe how these lace-makers take ownership of this vocabulary utilized to name the sewing stitches and if they can establish connections between the vocabulary and their own quotidian. Starting from this study, the relation found between the lace-makers context and the sewing stitches' nomenclature, evidencing though the names who permeate their daily, and not existing, however, a direct relationship by the lace-makers to such aspects. In addition, these points' nomination reveals, how the Semantics studies about scenarios and contexts point, that your significance, it can only be understood from the context in which the lace-makers are found, because, according to Ferrarezi (2010), only the scenario in which the world itself is inserted can propitiate this sense specialization, collaborating for the understanding of the meaning.

Key words: Contextual semantics. Renaissance lace-makers. Cultural Motivation.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos linguísticos referentes à investigação dos sentidos das palavras datam do período grego, em meados do século IV a.C., a partir de Sócrates e Platão, quando se iniciam, assim, as primeiras indagações sobre o funcionamento da língua. Tentar entender o fenômeno da significação das palavras resulta, portanto, de um longo processo que envolve a comunhão de conhecimentos de várias áreas da ciência, como a psicologia, a neurologia, a filologia etc., assim como de campos da própria linguística, como a psicolinguística, a neurolinguística, sociolinguística entre outros.

A Semântica, de acordo com Ferrarezi (2010), a partir da década de 80, ganha bastante notoriedade como campo de estudo, principalmente, em sua vertente formal ocupando os espaços oficiais de pesquisa. Atrelada a essa linha de pesquisa, tem sido, comumente, definida como a ciência que estuda o significado. No entanto, essa aceção demonstra-se como insuficiente diante da grandeza apresentada pelos fenômenos linguísticos que emanam socialmente, sendo necessária a observação de seus fatores através de aspectos que abranjam de forma mais ampla as especificidades da comunicação, por exemplo, através da introdução dos elementos culturais que cercam os indivíduos.

Nesse sentido, há décadas os estudiosos da língua têm despertado para a importância desse atrelamento, não descartando, obviamente, as importantes contribuições de campos de pesquisa como a Sociolinguística. No entanto,

justamente nessa construção linguística e sociocultural que pode ser situada a Semântica Contextual, uma vez que tal área analisa os sentidos decorrentes de situações comunicativas específicas, determinadas por um ambiente partilhado por um grupo de pessoas, e que tem em comum a apreensão de sentidos daquilo que lhes cercam, interessando a esse campo de estudos, entender como, culturalmente, o falante vê a referência que faz do mundo à sua volta.

De acordo com Sampaio (2018, p. 231):

A discussão em torno da relação entre linguagem, cognição e cultura vem tomando grande visibilidade desde o século passado, intrigando linguistas, antropólogos e diversos outros estudiosos, que se empenham para tentar esclarecer de que maneira e em que medida essas instâncias se influenciam mutuamente.

Nesse contexto, uma perspectiva que corroborou significativamente para a introdução do fator cultural nos estudos linguísticos, foi a hipótese Sapir-Whorf, desenvolvida em meados da década de 20, a qual afirma que a língua que se fala influencia, em alguma medida, o modo como se pensa. Nomeada em homenagem a seus organizadores Edward Sapir e de seu discípulo Benjamin Lee Whorf, essa teoria compreende a língua de uma comunidade como ponto de acesso à sua cultura, evidenciando sua visão de mundo. Tendo, ainda, como ponto central, a desconstrução da crença de superioridade que as sociedades europeias acreditavam possuir sobre os povos considerados primitivos, importante fator a ser considerado neste estudo, uma vez que se pretende analisar eventos comunicativos desempenhados por pequenos grupos de mulheres de baixa escolaridade, o que poderia culminar na falta de interesse no desenvolvimento de estudos linguísticos a partir da esfera social na qual estão situadas essas mulheres.

Além disso, apesar da importância que detém as contribuições desses autores, ao se analisar manifestações linguísticas como as desenvolvidas pelas rendeiras, percebe-se que há muito a se observar nessa área, podendo a Semântica de contextos e cenários contribuir significativamente nesse aspecto.

Dessa forma, um autor que traz significativas contribuições na intenção de ampliar essa observação do sentido das palavras e seu aspecto sociocultural é Ferrarezi (2010), o qual versa como o principal nome da Semântica de contextos e cenários no Brasil, podendo-se observar em seus estudos como ocorre esse

processo de significação das palavras de uma língua, a qual se constitui por um conjunto de traços de significados culturalmente construídos em uma determinada comunidade. Logo, se há alguma relação entre as palavras e o seu sentido, esta relação é estritamente cultural.

É nesse âmbito que este estudo pode ser vinculado à Semântica contextual, consistindo essa perspectiva dentro da área da Semântica, para se compreender os sentidos decorrentes de situações comunicativas específicas, determinadas por um ambiente partilhado por um grupo de pessoas, e que tem em comum a apreensão de sentidos daquilo que lhes cercam, interessando a esse campo de estudos, entender como, culturalmente, o falante elabora suas significações, atribuindo-lhe sentido.

Nessa conjuntura, uma possibilidade de estudos dentro desse campo seria a o vocabulário utilizado por um grupo de falantes, mulheres rendeiras, especificamente na cidade de Monteiro-PB, que ao desenvolver uma forma de artesanato – ligada à feitura de pontos de renda –, intitulada de renda Renascença, pode-se observar na nomeação dos pontos, um possível atrelamento ao contexto sociocultural em que vivem.

Em Almeida (2011), trabalho realizado anteriormente com esse grupo, o qual tinha objetivo distinto deste aqui apresentado, chamou bastante atenção a nomeação recebida pelos pontos da renda Renascença, pois apareciam associados a nomes já utilizados em outros contextos do cotidiano, tais como objetos, nomes de santos, relações amorosas, entre outros. Daí o interesse de observar se as rendeiras conseguiam perceber que havia essa relação na construção de sentidos desse vocabulário que era partilhado entre elas.

Diante dessa observação, propiciada pela pesquisa anterior, surgiu o interesse de refletir, a partir da perspectiva semântica, a respeito de questões como: qual a percepção das rendeiras quanto a essa relação entre os nomes dos pontos e suas outras atividades cotidianas? Elas têm consciência da possível relação entre língua e cultura, a partir de suas práticas como rendeiras? De que forma, portanto, elas se apropriam desse vocabulário, herdado ao longo do tempo junto com o domínio da técnica de produzir as rendas?

A hipótese aqui presente é que esse processo de apropriação acontece de forma natural, como uma herança cultural repassada pelas: reflexão das rendeiras a respeito dos nomes utilizados para nomear os pontos.

As rendeiras de Renascença têm contato com a atividade desde sua infância, quando lhes é repassado o ensinamento da renda. Como é uma atividade que surge no início do século, desenvolvimento e propagação, essa nomeação já foi realizada pelas primeiras rendeiras que faziam a Renascença, havendo, portanto, sua catalogação¹, a qual foi utilizada nas entrevistas para fins desta pesquisa.

Portanto, esta pesquisa teve como objetivo geral, observar de que forma essas rendeiras se apropriam desse vocabulário utilizado para nomear os pontos e se conseguem estabelecer conexões entre esse vocabulário e o cotidiano delas. Como objetivos específicos, pretendeu-se realizar um levantamento da nomenclatura existente dos pontos de renda Renascença; refletindo se há realmente uma motivação contextual na nomeação dos pontos e apresentar como seria realizada essa relação pelas rendeiras a partir do seu próprio cotidiano. Para tanto, será utilizado como corpus desta pesquisa parte do material colhido em trabalhos anteriores, tais como questionário sociocultural, bem como entrevistas realizadas na ASSOAM e na residência de uma das rendeiras, na zona rural do município de Monteiro.

Assim, no momento de coleta de dados, foi escolhido o grupo de rendeiras, que no ano de 2008, compunham a ASSOAM, que contava² com cinquenta e cinco (55) rendeiras das quais apenas vinte e cinco (25) participavam assiduamente, sendo que destas, apenas quinze (15) responderam ao questionário. Na ocasião da aplicação, a associação estava muito tempo sem realizar reuniões, o que dificultou o acesso até as demais, já que a maioria delas residia na zona rural. Os sujeitos desta pesquisa encontravam-se em uma faixa etária que variava entre dezoito (18) e quarenta (46) anos, demonstrando assim, o envolvimento de mulheres bastante jovens com o ofício da Renascença, pois como destacou Nóbrega (2005), estas artesãs aprendem desde criança o ofício. Assim, apenas 40% se encontravam

¹ Ver Nóbrega (2005)

² Dados obtidos em pesquisas anteriores.

dentro de uma faixa etária mais elevada, o que também evidencia a longa permanência na atividade.

Grande parte das rendeiras, 33%, possui apenas a educação infantil, além de 7% serem analfabetas. O restante delas, ou seja, os 60%, têm fundamental nível 1. Dessa realidade, pode-se deduzir um alto índice de analfabetismo funcional³, ou seja, muitas vezes só sabem decodificar a língua, mas não detêm domínio formal sobre a escrita. Apenas uma (01), dentre as demais, estava envolvida com programas de alfabetização, como o Brasil Alfabetizado do Governo Federal. Além disso, cerca de 72% das rendeiras têm a produção da Renascença como principal e única atividade remunerada.

Quanto aos procedimentos desta pesquisa, foram utilizados de instrumentos como: entrevista informal⁴ e observação participante. No tocante às entrevistas, foram necessários três momentos. A primeira delas foi realizada com apenas duas rendeiras que se encontravam presentes na associação, com o objetivo de esclarecer algumas informações obtidas no questionário.

A segunda entrevista foi realizada com seis rendeiras e conformava-se como fundamental para a pesquisa que estava sendo desenvolvida. Como havia a dificuldade de reunir as rendeiras na própria Associação, optou-se por realizá-la de forma coletiva, isto é, com várias mulheres que residiam na zona rural, uma vez que habitavam, em sua maioria, nas proximidades de uma mesma região, o que facilitaria o acesso a grande parte delas. A localidade rural chama-se Santa Catarina e fica localizada a aproximadamente 18 km do município de Monteiro. Uma localidade pobre economicamente, onde as famílias vivem da agricultura e da produção da Renda Renascença.

Assim, nesta ocasião, foram levados alguns pontos de Renascença em Xerox, retirados de Nóbrega (2005) com o objetivo de observar se as rendeiras ali

³ De acordo com Ribeiro (1997), é a condição daquele que não consegue ler e escrever adequadamente.

⁴ As entrevistas em questão foram realizadas informalmente com algumas rendeiras, tanto nas dependências da Associação como em suas próprias casas. Não houve a necessidade de um roteiro pré-estabelecido, pois sua finalidade era esclarecer dúvidas pertinentes ao questionário aplicado, o qual foi previamente estruturado com perguntas abertas e fechadas para a obtenção de informações socioeconômicas e culturais das rendeiras. No entanto, para manter a fidelidade das informações obtidas, optou-se por realizar a gravação de todas as entrevistas. Para fins desta pesquisa, não houve a necessidade da realização da apuração de mais dados, visto que durante os estudos anteriores, ao se perceber essa relação do vocabulário dos pontos e o contexto cultural das rendeiras, muitas informações, nesse aspecto, já foram colhidas.

presentes conheciam a nomenclatura dos pontos assinalados no livro, ou se cada uma atribuía um nome diferente, para que assim pudesse ser percebida a atribuição das práticas orais no repasse da renda⁵. As imagens dos pontos e seus respectivos nomes eram mostrados a cada uma delas, as quais eram questionadas sobre o conhecimento de sua nomenclatura. Durante esse momento, constatou-se tanto a realização das práticas orais, como essa vinculação dos nomes a situações do cotidiano delas, suscitando a necessidade de um estudo posterior analisando tais aspectos.

Seguindo os procedimentos anteriores, a terceira entrevista foi realizada na casa de uma rendeira que residia na periferia de Monteiro e tinha-se o objetivo de registrar o repasse oral da renda Renascença pelas rendeiras. Na ocasião, encontravam-se presentes apenas duas rendeiras. Vale ressaltar que as informações obtidas nesse momento, em específico, não constarão nesta pesquisa, servindo, apenas, para esclarecimento da forma como ocorreram as entrevistas e coleta de dados.

Vale salientar que todas as entrevistas foram gravadas, pois, de acordo com Andrade (2006), a gravação auxilia na fidedignidade dos dados observados, pois contribui ao pesquisador armazenar as informações, de forma que possa consultá-las no momento desejado. As entrevistadas foram identificadas por uma numeração sequencial, Rendeira 1, Rendeira 2 e, assim, sucessivamente. As transcrições das entrevistas foram realizadas com base nas contribuições de Fávero et alli. (2007).

Por fim, a observação participante da pesquisadora⁶ foi de extrema importância, principalmente em se tratando de um estudo etnográfico, em que se deparou com um ambiente regido por indivíduos unidos por aspectos socioculturais. Cabe à pesquisadora o papel de interpretar o contexto em que os sujeitos encontravam-se envolvidos, partindo do ponto da imparcialidade, sem que houvesse envolvimento por parte daquela com a situação, daí sua relevância na pesquisa, cabendo a atribuição de legitimidade. Dessa forma, a aproximação permitiu que se

⁵ Esse era o objetivo central da pesquisa anterior que culminou nesta.

⁶ Para a realização desta pesquisa foi necessária uma aproximação bastante íntima com as rendeiras da Associação dos Artesãos de Monteiro (ASSOAM). Por isso, o período das entrevistas durou, em média, seis meses. Devido a essa aproximação, as entrevistas não tinham um tempo programado, ou seja, delimitado, pois o crucial era que as rendeiras se sentissem confortáveis em seu próprio ambiente, para que pudessem contar algo tão particular como dados de sua vida e a feitura dos pontos.

sentissem à vontade para no momento da coleta de dados adequar a linguagem das questões contidas no questionário, para que estivesse mais próxima do cotidiano dos indivíduos investigados.

Assim sendo, ao analisar o atrelamento dos nomes de renda Renascença, realizado por esse grupo de mulheres, ao seu contexto sociocultural, bem como a percepção que possuem desse processo, contribui-se de forma significativa a entender um pouco mais desse processo de intersecção existente entre língua e mundo, tentando demonstrar em que medida um contribui para a formação do outro, pois, conforme pontua Almeida e Paula (2016, p. 235) “[...] assim como a língua exerce influência sobre o pensamento de seus falantes, estes e o contexto cultural em que estão inseridos também agem sobre a língua⁷”.

No que concerne a estudos semânticos que visam observar essa relação entre língua e sociedade, na área de pesquisas linguísticas, há o desenvolvimento de importantes estudos nesse sentido, a exemplo do desenvolvido por Rezende, Almeida e Paula (2016), o qual teve por objetivo verificar como os signos linguísticos são capazes de conservar ou modificar seus sentidos de acordo com as concepções ideológicas e culturais vigentes na sociedade no momento em que são registrados, utilizando-se para isso do corpus composto pelo livro de Notas de um Tabelionato e do Livro de Registro de Batizados da Paróquia de Goiás, no final do século XIX, tendo como ambientação um momento bastante conturbado em nossa história, o qual tem ênfase nas práticas do sistema escravocrata em vigor, uma vez que as lexis selecionadas são parte integrante do campo lexical da escravidão -, tais como banguella, cabra e senhores. Assim, buscou-se observar se os significados e sentidos relacionados a essas palavras se mantiveram ou se alteraram com o passar do tempo, demonstrando como as palavras podem conservar ou modificar o seu sentido de acordo com as concepções ideológicas e culturais vigentes.

De forma similar a esta proposta, o que se busca neste estudo desenvolvido com as rendeiras de Renascença é compreender como é realizada essa associação entre o vocabulário dos pontos e o contexto no qual estão inseridos esses sujeitos, tentando demonstrar como se dá essa relação entre língua e sociedade.

⁷ Conceito de língua como sistema linguístico atribuído por Saussure.

No que se refere a esta pesquisa, foram utilizadas contribuições teóricas de autores que têm seus trabalhos voltados para o estudo da Semântica Cultural e de Contextos. Dentre estes estão Ferrarezi (2010), o qual versa como um dos mais importantes nomes dos estudos da Semântica. Para fins desta pesquisa, serão considerados outros importantes teóricos, como Bezerra (2004), Biderman (2001), e Rocha (1998), contribuem de forma significativa para o estudo da relação entre a significação social das palavras.

2 INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS SEMÂNTICOS E À SEMÂNTICA DE CONTEXTOS E CENÁRIOS

De acordo com Ferrarezi (2010), para que a Semântica fosse reconhecida enquanto ciência foi necessário que se baseasse nas três acepções que permeiam a noção de ciência, ou seja, estipula seu objeto de estudo e delimita o objetivo e os métodos a serem utilizados. No entanto, o elemento que se define como objeto a ser estudado – o significado -, não traz consigo uma noção clara do que de fato representaria, logo, nenhuma teoria deu conta de explicar sua significação no mundo, ou seja, não foi possível estabelecer com exatidão qual o objeto de estudo da semântica.

Várias correntes teóricas se colocaram à frente da tarefa de tentar delimitar o que seria o significado. Uma das primeiras contribuições adveio dos gregos, os quais concebiam o significado como uma energia que encarnava na palavra. Em oposição a essa explicação metafísica do significado, podemos citar a dos racionalistas, que propunham que os signos referem-se diretamente a um objeto. Frege apud Ferrarezi (2010), numa posição também contrária, acreditava que o significado não era um objeto ao qual uma palavra alude, pois era necessário diferenciar o objeto de sua significação.

Dessa forma, no tocante à delimitação desse estudo, havia um grande problema evidenciado por esse autor. De acordo com suas palavras, [...] “ou somos capazes de definir o significado ou abortamos a ideia de que a Semântica estuda o significado” (2010, p. 32). Assim, a partir da contribuição de várias correntes teóricas

percebeu-se que era praticamente impossível delimitar com precisão um conceito para significado, pois era algo arbitrário que não havia como ser definido.

Partindo desse princípio, é necessário entender que a semântica não deve centrar seus estudos apenas no significado, mas sim, também no sentido, tendo em vista que os dois são objetos distintos, porém relacionados, sendo o significado, de natureza orgânica e o sentido, de natureza cultural. Assim sendo, Ferrarezi (2010, p. 55) alega que é preciso observar:

[...] de que diferentes formas os sistemas linguísticos conseguem, com seus instrumentos próprios, fazer uso de sentidos para ativar significados num processo de representação do mundo de seus eventos no qual esses sistemas linguísticos são intermedidos.

Levando em consideração as palavras do autor, pode-se ponderar que a apreciação da semântica passaria, necessariamente, pela análise do contexto linguístico, uma vez que o sentido é algo externo à língua, estabelecendo-se por seu compartilhamento na comunidade. Prova disso é que, se um grupo linguístico desconhece a representação de uma palavra, para ele não fará nenhum sentido algumas dessas representações. Por ser um sentido motivado socialmente, é necessário que haja a especialização dos sentidos e, conseqüentemente, seu compartilhamento entre esses membros.

Outro autor que traz importantes contribuições nesse sentido é Bezerra (2004). Em seus trabalhos, mesmo utilizando a nomenclatura de léxico em vez de palavra, esse autor corrobora para a confirmação da teoria apresentada pelos estudiosos supracitados, afirmando, pois, que não se pode observar o léxico como um simples elemento que compõe a língua, pois, esta unidade encontra-se relacionada com o processo de nomeação das coisas e seres que nos cercam, com a necessidade de rotulá-los.

Nesse sentido, Biderman (2001, p.13) afirma que “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: a palavra”. O léxico, de acordo com suas palavras é a representação de como nós, seres humanos, apreendemos a realidade, sendo através do léxico que o homem interage

com o mundo a sua volta, configurando-se, portanto, como um ato de cognição⁸ social.

Segundo Ferrarezi (2010), nenhuma língua tem palavras específicas para todos os sentidos. Por isso há a necessidade de realizar empréstimos, seja de outra língua – os estrangeirismos -, ou mesmo de palavras da própria língua, entretanto com a inserção de outros sentidos a determinadas palavras.

Essas lacunas no léxico existem, justamente, porque a construção dos sentidos é ainda mais complexa do que a do léxico de uma língua. Além disso, Ferrarezi (2010, p. 83) aponta que: “É muito mais econômico usar sinais que já conhecemos, mesmo que associando a outros sentidos costumeiros, do que ficar criando sinais para cada novo sentido que a cultura constrói”.

Assim sendo, percebe-se que o reaproveitamento de uma palavra para outros sentidos, configura-se, também, como um princípio de economia da língua, o qual se justifica pela viabilização dos atos comunicativos na sociedade.

É justamente nesse sentido que pode ser situada a Semântica Contextual, uma vez que tal área analisa os sentidos decorrentes de situações comunicativas específicas, determinadas por um ambiente partilhado por um grupo de pessoas, e que tem em comum a apreensão de sentidos daquilo que lhes cercam, interessando a esse campo de estudos, entender como, culturalmente, o falante vê a referência que fazem do mundo à sua volta.

Assim sendo, de acordo com Ferrarezi (2018), essa área de estudo é relativamente atual, pois a própria linguística, recentemente, é que reconhece a importância de atrelar seus estudos à cultura, ganhando cada vez mais força dentre os estudos linguísticos, justamente por compreender a necessidade de analisar elementos que lhes sejam externos. Vale ressaltar que, no princípio, não havia uma delimitação mais específica com relação aos aspectos metodológicos a serem adotados, sendo realizado mais de forma intuitiva pela importância que apresentava,

⁸ “A cognição social emergiu em meados dos anos 70 e representa uma abordagem conceptual e empírica genérica que procura compreender e explicar como é que as pessoas se percebem a si próprias e aos outros, e como é que essas percepções permitem explicar, prever e orientar o comportamento social” (GARRIDO, AZEVEDO & PALMA, 2011).

do que mesmo pelo fim em si, ou seja, sem a pretensão de mostrar como o fenômeno ocorre.

Para a Semântica de Contextos o significado representa um elemento interno, ou seja, inerente à palavra e, por isso, ainda desconhecido; no que tange ao sentido, ao contrário, é externo e seria uma manifestação do significado em uso linguístico, estando, portanto, arraigado no uso social que lhe é atribuído. Tal fator, atenta para as especificidades das línguas, em que uma palavra pode ter sentidos diferentes a depender da comunidade linguística, ou ainda justificando o motivo das várias possibilidades de léxicos para as coisas no mundo à nossa volta. Outro importante elemento a ser apontado é o caráter polissêmico das palavras, o qual se justifica pela interferência do contexto social, tornando mais evidente a importância da matéria com que trabalha a Semântica contextual.

Como forma de demonstrar esse caráter referencial entre mundo e língua, Ferrarezi (2010) exemplifica, através dos idiomas indígenas, como se dá o processo representacional das línguas naturais e como pode ser marcado no nosso cotidiano. Assim, para uma nação indígena, em específico, animais de diferentes grupos, podem pertencer a uma mesma “família”, isto é, a uma categoria natural, tomando como exemplo seres como: o boto, a arraia e o jacaré, os quais para a nossa cultura, têm classificações distintas, demonstrando assim, como o aspecto cultural é determinante para o sentido que atribuímos às coisas, sendo indiferente às convenções sociais convencionais.

Nessa conjectura, as palavras e os demais significados a ela associados no processo constitutivo de representação, passariam a ser concebidos a partir do rótulo de sinal-palavra (FREGE, 1960 apud FERRAREZI, 2010), ampliando a noção antes estabelecida por Saussure, a qual previa significado e significante. O sentido seria aquilo que é associado a um sinal qualquer no mundo, sendo, pois, o responsável pela comunicação dos usuários da língua.

Ainda no que concerne a esse aspecto, não há, verdadeiramente, nenhuma relação entre a palavra e o sinal, estabelecendo-se pelo aspecto cultural, ou seja, por meio do habitat linguístico da comunidade, apreendida por nossa percepção de mundo. Por isso, para a Semântica de contextos e cenários, há a necessidade do estudo da especialização do sentido dos sinais que as palavras sofrem no momento

de interação linguística, observando aspectos como o contexto e o cenário de execução em que estão situados os atos comunicacionais.

Como forma de exemplificação, Ferrarezzi (2010), utiliza o vocábulo *casa*, demonstrando como essa palavra pode ter vários sinais – estes, amplamente conhecidos pelos falantes de língua portuguesa -, sendo, portanto, necessário ao falante situar a comunicação em um determinado contexto, para que seu interlocutor saiba do sentido (especialização), que tem de fato essa palavra naquela situação de uso. Dessa forma, na visão do autor supracitado, seria um erro apoiar-se a uma teoria, exclusivamente, pautada na palavra isolada do sentido, considerando-se que este seja móvel, sendo, imprescindível para sua compreensão sua relação com o contexto.

Tal centralização deve-se à necessidade da língua de cristalizar e vincular sentidos fixos aos objetos no mundo. Assim, para dar conta de toda essa conjuntura, a Semântica de Contextos adota uma abordagem interfacial, compreendendo tanto a semântica como a pragmática, fundamentada na Especialização de sentido, conformando-se da seguinte forma: “O sentido de um sinal-palavra somente se especializa em um contexto e o sentido do contexto somente se especializa em um cenário” (FERRAREZZI, 2010, p. 112). Desse modo, pode-se observar que, para essa área de estudo tais aspectos são complementares e imprescindíveis para a compreensão dos fenômenos linguísticos que nos cercam.

Logo, para que a Especialização de sentidos ocorra, a Semântica de Contextos utiliza o seguinte esquema:

Especialização de sentido é a definição exata do sentido [...] associado a um sinal-palavra em uso. Ou seja: um sinal-palavra *x*, em um contexto *y* e um cenário *w*, devidamente identificados e definidos, estará associado a um e apenas um sentido *s* e, portanto, servirá para representar uma e apenas uma visão de referência *v*, e não outra, em um mundo *m* (FERRAREZZI, 2010, p. 113).

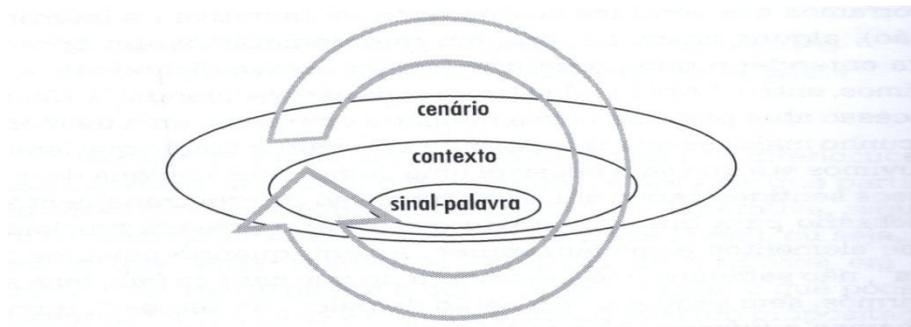
Pode-se depreender de tal afirmação que, toda e qualquer palavra (sinal) está inserida em um determinado contexto, o qual deverá ser observado para que sua significação em uso possa ser apreendida em sua totalidade, isto é, seja viabilizada. Atrelado a isso, está o cenário, responsável por situar o sentido desse sinal,

construído a partir da referência de mundo dos que estão envolvidos no ato comunicativo, pois conforme observado em outros momentos⁹, uma palavra pode ter sentidos diferentes, sendo o cenário em que ocorre a interação o responsável por delimitar esse sentido, proporcionando a compreensão da comunicação. Por isso, é necessária a análise do cenário, já que só o contexto é incapaz de proporcionar (situar) esse sentido, cabendo, assim, a ele essa especialização.

Tal fator deve-se à importância do aspecto cultural para a Semântica de contextos e cenários, pois os sentidos expressam muito mais do que suas associações referenciais, atrelando-se, fundamentalmente, a valores culturais, os quais geram uma impressão mental nos falantes, vinculando o “sentido” à situação comunicacional, compreendendo todos os fatores relevantes para os interlocutores na especialização dos sinais.

A imagem abaixo ilustra como se dá o processo de significação do sentido:

Imagem 2: organização do esquema proposto pela Semântica de contextos e cenários



(FERRARREZI, 2010, p. 128)

Conforme pode ser observado, a seta demonstra que tal processo realiza-se de forma cíclica, em que um fator depende do outro para a especialização do sentido. Sua compreensão é imprescindível para a compreensão dos fenômenos linguísticos que nos circundam, a exemplo dos realizados pelas rendeiras de Renascença, as quais através da nomeação de seus pontos é um importante exemplo de como se dá a construção de sentidos a partir do contexto em que estão

⁹ Exemplo da palavra *casa* já mencionado anteriormente.

inseridas e de como essa representação pode ser compreendida pelo cenário específico de tais eventos comunicativos.

De tal modo, seus pontos são uma possibilidade de representação de seus mundos, suas vivências, aquilo que para essas rendeiras resulta verdadeiramente importante e significativo. Portanto, ao se pensar a construção da palavra levando em consideração tais perspectivas, se está contribuindo para uma visão mais ampla de língua e mundo, uma vez que nem um nem o outro encontram-se devidamente acabados.

3 A RENDA RENASCENÇA: ORIGEM E PROPAGAÇÃO

Há indícios de que o surgimento da Renda Renascença¹⁰ deu-se por volta dos séculos XV e XVI, na Europa, com Itália e Flandres reivindicando a paternidade desta arte. Sua forma surge do descontentamento dos europeus com os repetitivos bordados da época, os quais passaram a criar diferentes tipos de pontos, chegando ao que se convencionou denominar de *punto in aere* (ponto no ar). Este ponto não estava necessariamente atrelado ao tecido como os demais e sua utilização estava inicialmente ligada ao vestuário, servindo de adorno para peças masculinas e femininas, como em lingerie, punhos e golas, usado apenas por personagens ilustres como reis e rainhas, ganhando, assim, mais *status*.

Nóbrega (2005) afirma que não se descarta a influência árabe neste tipo de renda, tendo em vista as várias semelhanças tipológicas, provenientes das invasões Bárbaras e das Cruzadas, momentos de grandes trocas culturais. A Renda Renascença consiste, assim, num “tipo de renda de agulha, que mantém o princípio formal das outras rendas de sua classe as quais são constituídas por desenhos concêntricos, de onde se projetam linhas sinuosas e divergentes” (NÓBREGA, 2005 p. 37). O nome Renda Renascença provém do período histórico denominado Renascimento¹¹. Em meados do século XVII houve a chegada desta arte no Brasil, especificamente no Nordeste, cidade de Olinda-PE, por meio da fundação de um

¹⁰ Segundo dados da ONG Para’iwa (2007), a Renda Renascença também é conhecida como Irlandesa.

¹¹ O termo Renascimento é comumente aplicado à civilização européia que se desenvolveu entre 1300 e 1650. Além de reviver a cultura Greco-Romana, ocorreram nesse período muitos progressos e incontáveis realizações no campo das artes, da literatura e das ciências, que superaram a herança clássica.

convento, constituído por religiosos portugueses da congregação intitulada *Carmelos*. Em 1823, tais religiosos foram expulsos por motivos políticos, pois discordaram da Independência Nacional. Após décadas, o convento foi novamente ocupado por religiosas francesas conhecidas como *Filhas da Caridade*, que produziam um bordado de excelente qualidade e, por isso, mantiveram uma rica freguesia, preservando o segredo da Renda Renascença para não se espalhasse. Algumas rendeiras no século XV, na Itália, foram, inclusive, impedidas de deixar seu país para que tal segredo não fosse difundido por outras regiões, uma vez que o ensinamento era repassado de forma visual e oral e que não havia nenhum registro escrito (NÓBREGA, 2005).

3.1 A Renda Renascença na Paraíba

Na década de trinta do século XX, esta arte se propagou tendo como principal responsável a paraibana Elza Medeiros, conhecida como “Lala”, que, apesar de ser da cidade de São João do Tigre - PB, por razões políticas deixou sua residência para ir morar em Poção - PE. Em uma determinada ocasião, foi-lhe ensinado o ofício da Renascença para ajudar na confecção de uma grande peça que deveria ser entregue em um prazo determinado. O ensinamento se deu através de Maria Pastora que, para cuidar da mãe em Poção - PE, teve que se ausentar e levar consigo a encomenda. Por sua habilidade, era chamada para ajudar na confecção das peças junto às irmãs do convento *Filhas da Caridade*, isto devido ao grande número de encomendas que recebiam.

Neste mesmo período, o Nordeste enfrentava uma das maiores secas de todos os tempos. Em particular, no Cariri Paraibano, a população passava por dificuldades sociais e econômicas devido a problemas de desertificação, baixa incidência de chuvas e poucas alternativas de desenvolvimento. Neste contexto, a Renda Renascença se tornou uma das formas econômicas mais viáveis. Isso é possível graças ao trabalho da então paraibana “Lala”, que se sensibilizando com a situação, resolveu propagar o seu aprendizado a outras mulheres daquela região. O ensinamento dava-se em um salão amplo na cidade de Poção-PE, e as peças produzidas eram comercializadas em Pesqueira-PE, e até mesmo na capital do

estado. Com o tempo, de acordo com Nóbrega (2005), a Renascença se expande chegando até a região do Cariri Paraibano¹².

Segundo este autor, foi na década de 50, mais precisamente, que a Renda Renascença chegou à Paraíba, concentrando-se no Cariri Paraibano, através de algumas mulheres que residiam nos distritos de Camalaú, Zabelê, São Sebastião do Umbuzeiro, São João do Tigre, antes pertencentes ao município de Monteiro, conforme pode ser observado na imagem abaixo¹³:

Imagem 2: Mapa do estado da Paraíba



Destaque para a região do Cariri, em amarelo, para indicar a concentração da produção da Renda Renascença. Fonte: <http://www.para'iwa.com.br>

A partir da propagação e expansão dessa atividade a tantos lugares, apresentado no mapa acima, pode-se observar a representatividade econômica e, principalmente, cultural da renda renascença em nossa região, elementos esses que favorecem a sua realização. Além disso, uma forma de melhor compreendê-la, é através da imersão em outros aspectos dessa atividade, tais como os linguísticos,

¹² Segundo Veit (2003), a Renascença pode ser encontrada também em outros estados, como: Ceará, Sergipe e Bahia.

¹³ Monteiro fica situada ao sul do Estado da Paraíba, na microrregião do Cariri Ocidental. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de habitantes é de 33.222. Sua economia é baseada na agropecuária, comércio, setor de serviços e funcionalismo público. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/monteiro/panorama>> Acesso em: 26 de agosto de 2020.

os quais estão intrinsecamente relacionados ao seu desenvolvimento, assim como poderá ser visto nos tópicos posteriores.

4 APRECIÇÃO DOS DADOS: A ARTE DE TECER E SUA RELAÇÃO COM O MUNDO

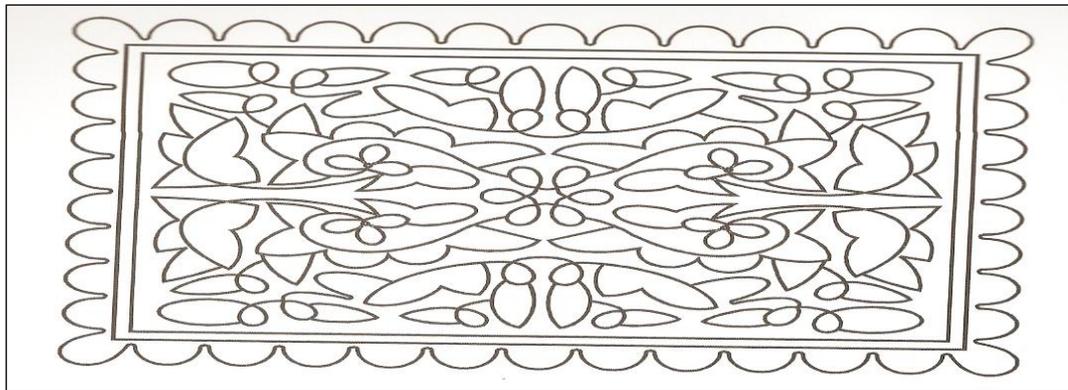
Língua e mundo estão intimamente entrelaçados, não sendo possível observá-los sem interferência mútua e simultânea. Prova irrefutável disso, é o reconhecimento de sua importância evidenciada na utilização desses elementos culturais nas mais variadas áreas de estudos. Esse direcionamento propicia a apreciação mais ampla dos eventos linguísticos que compõem os fenômenos linguísticos, proporcionando um olhar mais aprofundado sobre o mundo a nossa volta.

Conforme pontuado anteriormente, a Renascença é um tipo de renda de agulha que segue o mesmo princípio formal das rendas de sua classe, destacando-se, no entanto, devido ao complexo processo para sua confecção (NÓBREGA, 2005). Assim sendo, como as demais artes artesanais e manuais, é estabelecida por meio de uma série de procedimentos e instrumentos. Quanto a estes últimos, de acordo com Nóbrega (2005) constituem-se de:

- mãos - parte essencial para o desempenho da atividade;
- linha - material que dá origem aos pontos da Renascença;
- agulha - instrumento para confeccionar os pontos;
- dedal - artefato utilizado para proteger os dedos de prováveis perfurações da agulha;
- tesoura – serve de apoio para a finalização dos pontos;
- lacê – fita de algodão perfurada nas suas extremidades, onde são presos os pontos da Renascença;
- almofada - utensílio sobre o qual se produz a renda Renascença e é confeccionado pelas próprias rendeiras de acordo com o tamanho da peça;
- ferro de passar - é utilizado após o término da produção da peça para desamassá-la.

Tais ferramentas são essenciais para o feitura das peças, uma vez que a ausência de qualquer uma delas torna inviável a produção da atividade. Em relação às etapas de feitura, estas se dão por meio, respectivamente de: risco, alinhavo, tecimento, acabamento e lavagem. O primeiro passo é o risco, o qual se dá através do alinhavo do lacê por meio de desenhos que darão forma ao tecido. Em relação a esta etapa, Nóbrega (2005, p. 119) afirma que: “Para se obter um bom trabalho de Renascença precisa-se inicialmente ter um excelente risco de base. Este deve possuir traço preciso e uma simetria perfeita entre suas partes”. Devido a esse fator, aponta ainda que, não são todas as rendeiras que desempenham tal função, pois exige maior habilidade por parte da artesã, de forma que é considerada um dos procedimentos mais difíceis de ser elaborado, conforme pode ser observado na ilustração abaixo, ficando, portanto, a cargo de um número muito resumido de rendeiras.

Imagem 3 - Risco de Pano de Bandeja



Fonte: Nóbrega (2005, p. 128)

A imagem acima ilustra bem a riqueza de formas geométricas trabalhadas na renda Renascença, o que dificulta o bom manuseio do lápis. Nesse sentido, este autor pontua que a falta de domínio com o lápis, é proveniente da ausência de contato com a escrita (mediante o alto grau de analfabetismo entre estas mulheres), que de alguma forma corrobora na pouca habilidade motora com tal artefato.

O procedimento posterior, o alinhavo, diferentemente do risco é comumente realizado por grande parte das rendeiras e consiste no ato de prender o lacê ao papel, seguindo os riscos projetados. É neste momento, pois, que as rendeiras

costumam se ferir, daí a necessidade da proteção dos dedos através do dedal (NÓBREGA, 2005).

O tecimento, terceira etapa, é a confecção do ponto em si, é o momento em que a arte destas mulheres se concretiza, ganhando a grandiosidade que possui. Para que haja tal feitio, Nóbrega (2005) explica que é necessário que a rendeira saiba entre três a seis pontos, os quais lhes são suficientes para iniciar na atividade, de que apresentam grande facilidade em aprender e repassar os pontos. Entre estes, encontram-se: *dois amarrado*, *pipoca*, *abacaxi*, *sianinha* e *traça*, conforme evidenciado na fala das próprias rendeiras:

Rendeira 1- e é a que mais o serviço pede... porque o serviço ((encomendas)) sempre pede... porque é o básico... o dois amarrado... sianinha... traça... e a traça tem de várias formas né? tem esse daqui... tem a folhinha... e tem aquela de quadro... que você divide ela em quadro assim... fica bem bonita

Segundo ressalta Nóbrega (2005), não há um limite especificado para a produção dos pontos, pois, a criatividade destas mulheres é capaz de produzir inúmeras combinações, fazendo isto, com que cada trabalho seja único, assim como cada artesã que o produz.

Assim como sugere Sampaio (2018), o processo de nomeação que dá origem ao léxico da língua surge a partir do momento em que um nome é socialmente aceito para tal. Proveniente de situações bastante adversas e particulares, a atividade artesanal produzida pelas rendeiras de Renascença, atribui-se de elementos já conhecidos à sua volta para que consiga concretizar-se e estabelecer-se significativamente no mundo.

O levantamento dos nomes dos pontos de Renascença, conforme sugerido na introdução, foi realizado com base nos estudos de Nóbrega (2005). Assim como pode ser constatado, tais vocábulos detêm ligação direta com o cotidiano dessas rendeiras por estarem relacionados a: nome de comidas (*arroz*, *xerém*, *cocada*); a elementos da flora (*abacaxi*, *flor*); a fauna regional (*caramujo*, *traça*, *aranha*, *mosca*); a santos (*São Paulo*); a objetos do cotidiano (*laço*, *balaio*, *malha*, *sianinha*, *torre*, *vassoura*, *xadrez*); a elementos abstratos (*amor seguro* e *dois amarrados*) entre outros.

Assim, foram apresentados às rendeiras a partir de uma prévia seleção, para que se pudesse observar quanto à apropriação desses vocábulos e a percepção delas sobre essa relação com seu próprio cotidiano.

O que pôde ser observado é que a apropriação que fazem dessa nomeação é de ordem tão natural, que a maioria das rendeiras participantes desta pesquisa não se davam conta desta interrelação, propositalmente sugerida a todo momento nesta pesquisa, de acordo com o que pode ser observado nos trechos abaixo:

Pesquisadora- o santo São Paulo... é o santo São Paulo... por quê? porque o nome desses pontos... ele vai ter ligação direta:: com o dia-a-dia de vocês... é por isso que tem... São Paulo... que é um santo...aí vou pesquisar mais pra saber... assim... se tem algum direcionamento a:: algum milagre... a alguma coisa... me digam aí...

Rendeira 2- tem a vassoura que é de varrer a casa...

Pesquisadora- [mas é... porque olhe::...quem tiver com a folha um aí... pode olhar::

Rendeira 4- a gente num é dona de casa né?

Professora orientadora¹⁴- num está ligada a rotina de casa né? então tem que tá ligada ao dia-a-dia de vocês mesmo

Pesquisadora- quem tiver com a imagem de São Paulo pode olhar que essa vassoura lembra uma vassoura mesmo

Rendeira 1- é uma vassoura

Pesquisadora- aí:: o que é que a gente

Rendeira 2- [aí:: o que a gente tem que fazer é colocar os nome tudin

Pesquisadora- é:: porque ((gagueja)) é porque... é:: tá ligado ao cotidiano... é:: nada mais justo que algo que seja ligado ao cotidiano de vocês... num é isso? outro... o nome de uma comida? comida daqui?

Rendeira 1- tem cocada

Rendeira 4- arroz...

Pesquisadora- cocada... arroz... xerém... tá vendo que tá tudo ligado ao dia-a-dia

Rendeira 2- tem ponto xerém é?

Pesquisadora- tem o ponto xerém... tem ponto...

Rendeira 1- [tem aquele dois amarrados... que é pro caba ficá amarrado dentro de casa

Fica bastante evidente essa constante tentativa de atrelamento dos nomes dos pontos ao cotidiano das rendeiras, por parte da pesquisadora, pois, uma vez percebida essa relação, o interesse era descobrir se as rendeiras também se davam conta desse aspecto tão peculiar, prontamente reconhecido por uma das rendeiras presentes, a qual justifica que de fato exercem atividades direcionadas ao lar e a vassoura é um objeto que faz parte desse contexto.

¹⁴ Na ocasião, tratava-se de outra orientadora, pois o corpus da análise foi extraído de uma pesquisa anterior. Justamente por ser constatada essa relação é que este trabalho foi desenvolvido.

De acordo com Ferrarezi (2010), os sentidos expressam muito mais do que suas associações referenciais, atrelando-se, fundamentalmente, a valores culturais, os quais geram uma impressão mental nos falantes. Tal fator pode ser comprovado quando a Rendeira 1 atrela o sentido do ponto dois amarrados ao fato de “pro caba ficá amarrado dentro de casa”, revelando, por exemplo, um contexto sociocultural bastante comum à realidade feminina vigente, visto que o homem tem essa “liberdade” para deslocar-se socialmente e a mulher não tem, e tudo que deseja é, pelo menos, a permanência dele em casa.

Além disso, os pontos de renda Renascença poderiam receber vários nomes, inclusive, criados para esse fim, no entanto, foram reaproveitados a partir de vários elementos, dos quais, todos, estão diretamente vinculados às experiências sociais dessas mulheres. Retomando o contexto de surgimento dessa atividade, logo, percebe-se como isso pode ser de alguma forma explicado, já que se propaga e expande-se às mais variadas regiões do Nordeste como uma atividade econômica na tentativa de cercear a miséria que aplacava essa região em uma época em que a seca castigava cruelmente. Por isso, compreende-se a necessidade de reaproveitamento itens lexicais em prol de uma atividade que acabava por ser criada e carecia de ser disseminada da forma mais compreensível possível. E nada melhor do que aquilo a que essas rendeiras conheciam tão bem, ou seja, sua realidade.

Vale ressaltar, ainda, que os pontos demonstrados na entrevista foram retirados do livro de Nóbrega (2005), o qual chegou a esses nomes por meio de uma vasta pesquisa realizada nesse universo da Renascença, compreendendo as várias regiões que desempenham essa atividade. Por isso, é comum que algumas rendeiras não consigam relacionar de imediato o ponto ao respectivo nome, pois, a depender da região pode haver certa disparidade em relação à nomenclatura utilizada, uma vez que a forma como as rendeiras de cada região se apropriam desses vocábulos vai passar, necessariamente, pelo seu contexto e, por isso, a especialização do sentido desses vocábulos sofrerá variações.

Pesquisadora- humm:: vamo pra outra folha... vamo pra folha dois... tem um ponto aqui que eu acho LINdo... aqui ó:: esse último aqui... o sexto ponto... esse último ponto daqui... tá vendo?

Rendeira 1- esse?

Pesquisadora- sim:: qual é o nome dele?

Rendeira 4- qual?

Pesquisadora- o sexto ponto... na folha dois... viu?

Rendeira 1- é conhecido com abacaxi

Pesquisadora- abacaxi com laço?

Rendeira 4- abacaxi de três com laço

[
Rendeira 1- esse aqui é abacaxi de três COM caramUjo...

Pesquisadora- abacaxi de três com caramujo?

Rendeira 1- é::

Pesquisadora- ((referindo-se às demais rendeiras)) e vocês... e aí:: como é que vocês conhecem? D. ((presidente da associação)) tu tais com a folha dois D.?

Rendeira 2- não... esse aqui eu nunca tinha visto não

Pesquisadora- nunca tinha visto não? e aí?

Rendeira 1- esse aqui parece...

[
Rendeira 3- é não cumade... é caramujo

Pesquisadora- então:: é abacaxi de três com caramujo?

Rendeira 2- é::

Pesquisadora- o caramujo é essa bolinha do meio é?

Rendeira 1- é:: a bolinha do meio

Pesquisadora- a bolinha do meio é o caramujo? aí::... ela tá catalogada como caramujo e torre... tá catalogada como caramujo...

[
Rendeira 1- é abacaxi com caramujo

Levando em consideração tais aspectos, a nomeação dos pontos revela, assim como apontam os estudos da Semântica de cenários e contextos, que só pode ser compreendida a partir do contexto em que se encontram as rendeiras, pois, de acordo com Ferrarezi (2010), só o cenário em que essa palavra está inserida pode propiciar essa especialização do sentido, colaborando para a compreensão de sua significação nesse contexto. Por essa nomeação ser contextual e cultural, para algumas rendeiras de Renascença pode fazer mais sentido um nome em detrimento do outro, assim como pode ter recebido determinada nomenclatura em uma região a qual difere das demais localidades. Ademais, essa disparidade é algo típico de uma atividade que tem como principal característica o repasse oral¹⁵, fator este também muito importante a ser considerado para falta de unidade nas nomenclaturas dos pontos. Tal fator pode ser ratificado em outro momento da entrevista, segundo demonstrado no trecho abaixo:

Rendeira 1- esse aqui é sianinha ((referindo-se às imagens dos pontos que estavam no papel, que lhes foram entregue))

[
Rendeira 2- sianinha não?

Rendeira 1- só sianinha

Rendeira 1- esse aqui num é dois amarrado... né? é o que chama cocada...

¹⁵ Ver Almeida (2011)

Rendeira 3- é cocada com caramujo né? é o que nós sabe né?

[...]

Rendeira 2- o que tem três ponto é esse aqui ó:...

Rendeira 1- esse daqui é torre e caramujo

Rendeira 2- é... torre e caramujo

Rendeira 3- é como caramujo feito a torre ó:....

Rendeira 4- isso é ponto meia com aranha::

Rendeira 1- e esse aqui?

Rendeira 2- esse aqui é dois amarrado com passagem né?

Rendeira 3- e esse aqui é o quê?

Rendeira 1- esse aqui é o cocada com ()

Rendeira 4- e tem mais nome... é que eu me esqueço dos nome...

Pesquisadora- é isso... olha:.... eu não sei... mas... me corrijam se eu tiver errada...mas eu procurei... assim:.... eu tinha umas imagens... e procurei os pontos mais utilizados... esses daí são os mais utilizados mesmo? Ou esses daí são mais incomum?

Rendeira 2- esse daqui eu nunca vi ((referindo-se a um ponto))

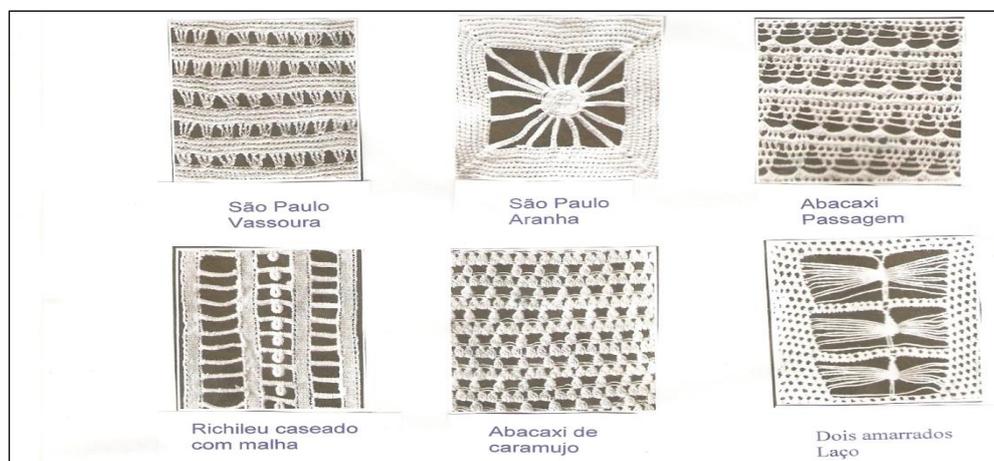
Rendeira 1- falando a verdade... esse aqui foi o que eu nunca vi...esse daqui eu nunca vi não...

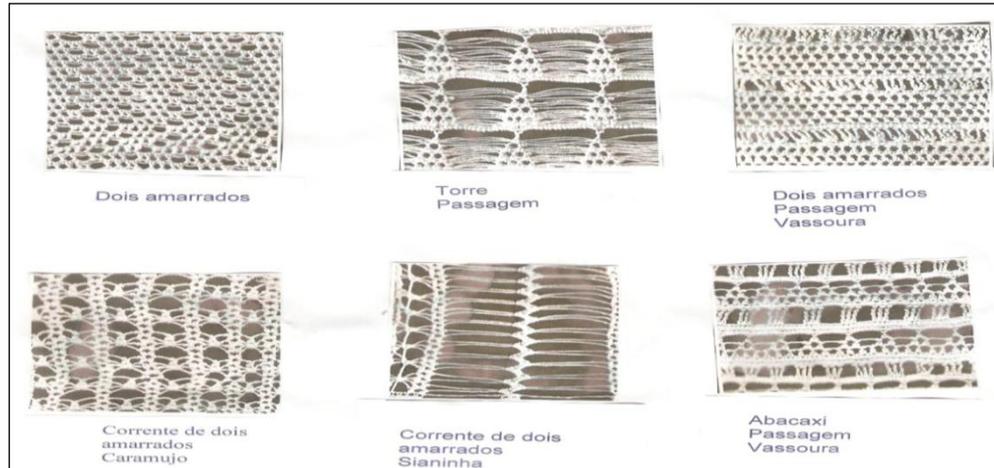
Rendeira 3- deixa eu ver aqui cumade... nós aqui conhecemos como dois amarrados com com com... (caramujo)

Ao observar os pontos, as rendeiras logo fazem seu reconhecimento atribuindo-lhe outro nome, adaptando-o ao seu próprio universo cultural. Além disso, a renda Renascença é uma atividade que remonta ao século XV e expande-se por várias regiões, por isso é comum que nem todas elas saibam tecer todos os pontos existentes ou os reconheça.

No entanto, esses pontos também conservam características que atendem aos nomes que recebem, colaborando para a sua identificação, assim como pode ser constatado na imagem abaixo:

Imagem 4: pontos de Renascença





Assim como atesta Ferrarezi (2010), quando evidencia que a relação palavra e sinal (sentido) se estabelecem pelo aspecto cultural, ou seja, por meio do habitat linguístico da comunidade, pode-se constatar, além disso, que esse entrelaçamento também ocorre pautado nessa semelhança que os pontos conservam com o nome a que remetem, algo que pode ser claramente observado em pontos como “*aranha*”, “*laço*”, “*vassoura*”, “*torre*” entre outros.

Segundo pôde ser observado nos dados colhidos no questionário, essas mulheres, em sua maioria, não desempenham outras atividades que não sejam as desenvolvidas em suas próprias casas, uma vez que o tecimento da Renascença é realizado em seus lares e, por isso, do estabelecimento de uma relação tão próxima a tais elementos.

Rendeira 1: de manhã... olha..eu me levanto muito cedo... aí... quando é sete horas... seis horas... já tá tudo... Ó... o almoço já tá pronto... aí eu vou embora pra roça... aí trabalho... faço o que tenho que fazer... na roça eu faço... se for pra limpar o mato... se for pra destocar uma coisa... o que tem de fazer eu faço... aí quando é dez horas... eu tenho que ir embora pra casa... ajeitar os meninos... dá o almoço aos meninos... pros meninos ir pro colégio... aí fica... termina ali... tomo banho e vou embora trabalhar com a Renascença...

Ainda de acordo com Ferrarezi (2010), no tocante a esses vocábulos citados e partilhados nas mais variadas esferas sociais, nenhuma língua detém um léxico exclusivo para cada situação de uso, conformando-se seu vocabulário a partir do reaproveitamento de outros léxicos de diferentes áreas, como: culinária, religião, o que se configura, também, como um princípio de economia da língua, justificado

pela viabilização das necessidades que emergem da comunicação em sociedade. No caso específico das rendeiras, propicia a interação entre elas, pois mesmo que determinado ponto não compartilhe da mesma nomenclatura, sempre haverá um traço no ponto que facilitará a compreensão mútua, como pode ser constatado no trecho abaixo:

Rendeira 1- agora... tem muitos ponto que a gente não conhece
Pesquisadora- tá::... assim:: e mesmo se vocês não soubessem o nome... se eu dissesse assim... ó::...tem um ponto aqui que eu não sei fazer... mas você vendo... você sabe fazer?
Rendeira 1- sabe
Pesquisadora- sabe? e sabe como repassar também... pra outra pessoa?
Rendeira 1- sabe
Pesquisadora- só de ver?
Rendeira 1- só de ver qualquer uma de nós sabe
Rendeira 4- ela manda um trabalho e só de ver a gente sabe
Pesquisadora- manda o quê... manda o nome dos pontos?
Rendeira 4- isso
 [

Pesquisadora- e por não ter:: todo mundo... pronto... o mesmo nome do ponto...eh::... quase todo mundo aqui::

[

Rendeira 4- como D. ((presidente da associação)) é a que mais traz e que mais (corra) aí::... a gente vê e pronto né? ela manda a mosTRInha

Além dos nomes preservarem características que naturalmente se atrelam aos pontos, ainda há o desenvolvimento de estratégias como das “mostrinhas” que facilitam a identificação das peças para que seja possível seu tecimento.

Alguns nomes que têm relação com aspectos sentimentais ou religiosos colaboram ainda mais para a constatação da motivação cultural dos pontos de Renascença. Em particular, aqueles pertencentes às crenças religiosas que permeiam o grupo desses sujeitos desde a sua propagação e disseminação em território local, conforme pode ser constatado na fala da própria rendeira quando indagada sobre o nome São Paulo e de sua procedência vir de um santo:

Pesquisadora- vassoura com São Paulo? todo mundo acha que é? alguém conhece por outro nome?
Rendeira 2- vassoura com três passagens
Pesquisadora- alguém que tem o::... tá na folha um viu gente?
Rendeira 4- é vassoura com São Paulo e torre
Rendeira 1- é... três passagens é São Paulo

Pesquisadora- três passagens é São Paulo? Vocês sabem por que São Paulo? São Paulo... que São Paulo? se é São Paulo cidade... o que é?

Rendeira 3- num sei porque o povo chama São Paulo

Rendeira 1- é que: na minha opinião é assim::... que tá três... duas...em cima de uma

Pesquisadora- tá::... vocês sabiam que:: esse São Paulo aqui se refere ao nome do Santo

Rendeira 2- o santo São Paulo?

A motivação para o recebimento do nome religioso desse ponto é desconhecida pela própria rendeira, reforçando a tese aqui proposta de que a herança cultural seria fator determinante para o vocabulário usado por elas em suas práticas desenvolvidas. Além disso, o conhecimento desses termos utilizados pelas rendeiras independe do conhecimento linguístico que qualquer usuário da língua detenha. Todavia, para alguém que não partilhe do mesmo contexto sociocultural, mesmo sabendo a significação de palavras tão comuns quanto abacaxi, traça, vassoura, seria quase impossível o reconhecimento desses nomes remetendo a pontos de renda Renascença, uma vez que é um conhecimento que permeia socialmente entre as rendeiras e, talvez, ainda, entre aqueles que fazem uso dessas peças.

Por isso, de acordo com Ferrarezi (2010), a Semântica de contextos e cenários entende a necessidade do estudo da especialização do sentido dos sinais que as palavras sofrem no momento de interação linguística, observando aspectos como o contexto e o cenário de execução em que está situada a comunicação, nesse caso, em específico, seria necessário, antes, entender a especialização do sentido que esses vocábulos sofrem diante da situação comunicativa em que se inserem, para assim, compreender que tais palavras tratam-se de nome de pontos de renda Renascença.

Assim sendo, a especialização do sentido, de acordo com Ferrarezi (2010), ocorreria pelo conhecimento do contexto comunicacional em que ocorre essa interação, ou seja, a nomenclatura dos pontos utilizada pelo grupo de artesãs de renda Renascença, bem como a especificação do cenário em que ocorre, caracterizado pelo conhecimento dos elementos do cotidiano dessas mulheres a que remetem esses pontos.

Dessa forma, por se tratarem de palavras que, conforme já dito anteriormente, são palavras recuperadas de outros contextos de interação e, por isso, apreendidas com sentido diferente, a observação de tais elementos é necessária para que se possa compreender satisfatoriamente o sentido desses vocábulos em um contexto tão específico como o das rendeiras, situando a realização de suas referências no universo linguístico, social e cultural em que estão situadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após dois estudos já realizados com esse grupo de artesãs em Almeida (2009) e Almeida (2011), os quais vislumbravam outros aspectos, percebeu-se que a renda Renascença ainda poderia revelar mais sobre o mundo no qual se conformava. A riqueza dessa atividade artesanal extrapola a confecção de suas peças através de um complexo emaranhado cultural envolvendo o processo de feitura e nomeação das peças.

A arte desenvolvida por essas rendeiras é tão rica que é impossível não tentar se aproximar um pouco mais desse universo, e a questão da nomenclatura é um dos fatores que mais chamam a atenção, pois, assim como apontado em itens anteriores, essa atividade expande-se em toda a região do cariri paraibano devido aos fatores contextuais da época, demonstrando viabilidade para feitura, já que podia ser realizada dentro de casa, assim como por sua importância financeira, representando muitas vezes a única fonte da família.

Outro fator relevante, no que concerne aos pontos, é o fato de sua nomeação poder representar tão bem o mundo dessas mulheres, servindo-nos de base para entendê-las enquanto sujeitos socioculturalmente constituídos, colocando em evidência suas crenças religiosas, seus afazeres cotidianos, as frutas comuns na região e, principalmente, algo tão particular como as manifestações amorosas, ao ponto de revelar aquilo que é desejado por essas mulheres, como a permanência de um companheiro ao seu lado.

Atrelado a isso, cabe ainda observar como essa nomeação é apreendida e repassada entre essas mulheres sem que haja uma reflexão sobre a relação direta que detém com o cotidiano. Esse fator fica bastante evidente a partir da fala das próprias rendeiras que constantemente estavam sendo estimuladas a refletir sobre esse processo e, só assim, despertavam para essa analogia. Por esse vocabulário ser culturalmente motivado, sua apreensão dá-se de forma espontânea, sendo, portanto, comum essa falta de reflexão linguística. Além disso, é uma arte que desde seu surgimento tem como principal fim a geração de renda, o que de alguma forma explica a aplicabilidade de palavras do universo particular desses sujeitos facilitando a propagação e expansão da renda Renasçença entre essas mulheres. Logo, o imediatismo da necessidade de circulação da atividade favorece à essa falta de “obrigação” quanto a sua apropriação.

Ademais, para a compreensão das realizações linguísticas realizadas pelas rendeiras, é necessário aprofundar a análise dos sentidos vislumbrando o contexto e o cenário em que se apresentam, conforme prevê Ferrarezi (2010), tentando entender como ocorre a especificação dos sentidos apreendidos e utilizados na feitura dos pontos. Essa nomeação demonstra claramente a compilação de riquezas de saberes que advém a partir da língua. Optar pela escolha de um vocábulo ou por outro, representa muito sobre o posicionamento sociocognitivo de um grupo social. Portanto, essa escolha, em específico, acaba revelando aquilo que creem, anseiam, gostam, ou seja, aquilo que vislumbram como bom, adequado, importante entre outros fatores.

De alguma forma, isso ajuda a compreender como é rica de detalhes essa elaboração, ao lançar mão de um vocabulário que as aproxima uma das outras, seja cultural, social ou religiosamente. Ao mesmo tempo, provoca um determinado distanciamento que as singulariza assim como a atividade que desempenham, não permitindo a quem é alheio a esse universo o entendimento imediato de elementos tão particulares, a exemplo de seu vocabulário. Isso demonstra como este estudo detém grande relevância na compreensão de atividades como essas.

Por isso, a importância do papel daqueles que desenvolvem estudos linguísticos, ao tentar observar de forma mais ampla as construções realizadas em sociedade, em específico, aquelas que nos cercam cotidianamente, como é o caso

das rendeiras de Renascença da cidade de Monteiro, as quais carregam consigo, através de sua arte, toda a beleza e a grandeza que pode emanar da nossa cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Liliane de Souza. **As práticas de oralidade e de letramento nas falas das rendeiras de renascença da ASSOAM**. Campina Grande- UEPB, 2011.

_____. **Formação e educação não-formal: um estudo sobre as rendeiras de Renascença da associação de artesãos de Monteiro (ASSOAM)**. Monteiro - UEPB, 2009.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo: Atlas, 2006.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas-SP: Papirus, 1995.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical/ Margarida Basílio**. -8.ed-São Paulo: Ártica, 2007-104p.-(Principois;88).

BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Padrões de oralidade presentes na explicação de textos na sala de aula**. Linguagem & Ensino, Vol. 1, No. 2, 1998 (27-38)

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **As ciências do léxico. O léxico** In: As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2 ed. Campo Grande, Ms: Ed. UFMS, 2001.

CANÇADO, Márcia. Um estudo sobre a pesquisa etnográfica em sala de aula. In: **Trabalho de Lingüística Aplicada**, (23). Campinas: 55-69, Jan./ Jun. 1994.

FÁVERO, L. L. (et. alli). **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

FERRAREZI, Junior Celso. **A Lingüística, a Semântica e o Significado**. In: Introdução à semântica de contextos e cenários: de La langue à La vie. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

FERRAREZI, Junior Celso. **A pesquisa em semântica de contextos e cenários : princípios e aspectos metodológicos**, SP : Mercado de Letras, 2018.

GARCEZ, Lúcia Helena do Carmo. **A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto**. Brasília: UNB, 1998.

GARRIDO, Margarida Vaz. AZEVEDO, Catarina & PALMA, Tomás. **Cognição social: Fundamentos, formulações actuais e perspectivas futuras**. *Psicologia* vol.25 no.1 Lisboa jun. 2011.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **O Léxico: lista, rede ou cognição social?** IN: NEGRI, L., FOLTRAN, M^a J. E OLIVEIRA, R. P. de Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Liari. São Paulo: Contexto, 2004, p. 263-284.

NÓBREGA, Christus. **Renda Renascença** - uma memória de ofício paraibana. Sebrae – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, 2005.

ONG, W. J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas: Papyrus, 1995. [original inglês: 1982]

PARA'IWA - **Coletivo de Assessoria e Documentação** - paraiwa@gmail.com – Disponível em: <<http://www.paraiwa.org.br/rendas/index.htm>> Acesso em: 03 de novembro de 2009.

RIBEIRO, Vera Masagão. **Alfabetismo funcional: Referências conceituais e metodológicas para a pesquisa**. *Educação & Sociedade*, ano XVIII, nº 60, dezembro, 1997.

SAMPAIO, Rebecca Demicheli. **Linguagem, Cognição e Cultura: a hipótese Sapir-Whorf** . *Cadernos do IL*, Porto Alegre- 2018, n.º 56, mês de novembro. p. 229-240

REZENDE, Rayne de Mesquita; **ALMEIDA**, Mayara Aparecida Ribeiro de; **PAULA**, Maria Helena. Língua, cultura e léxico: confluências entre lexicografia e filologia. *Entretextos*, Londrina, v. 16, n. 2, p. 7-27, jul./dez. 2016. Disponível em: [www.uel.br › uel › entretextos › article › download](http://www.uel.br/uel/entretextos/article/download). Acesso em: 04 de junho de 2020.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis-RJ. Vozes, 2007.